

SOCIOLOGIA **Secção Etnológica**

Dirigida por **Herbert Baldus, Dr. phil.**
Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo

Sugestões para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil

CURT NIMUENDAJÚ †

O presente trabalho póstumo, a que damos o título "Sugestões para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil", resultou das experiências adquiridas em longa vida de explorador. Durante a sua estadia no Rio de Janeiro, em 1943, Nimuendajú deu algumas aulas improvisadas ao snr. Harald Schultz, servidor do Serviço de Proteção aos Índios e, atualmente, estudante de Etnologia Brasileira na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. O resumo dessas aulas, do qual tiramos as seguintes notas, foi redigido pelo discípulo e revisado pelo mestre.

A tradução do manuscrito alemão é de Egon Schaden.
H. B.

RECOMENDAÇÕES GERAIS

1. Indagar e tomar nota não só da *presença*, mas também da *ausência* dos diferentes traços da cultura material e não-material.
2. Anotar imediatamente os informes colhidos e as observações feitas, sem preocupação de sistematizar. Mais tarde, coordena-se o material com auxílio de traços a lapis de côr.
3. O registo do vocabulário fica para o fim, pois cumpre familiarizar-se primeiro com a fonética.
4. Também as perguntas sobre religião deixam-se para quando já houver bastante confiança da parte dos índios.
5. Fazer desenhar o mais possível. Notando-se que alguém tenha jeito, pedir que faça trabalhos de entalhe, ou modelação em argila ou cera.

CEDI - P. I. B.
DATA 31. 12. 86
COD. ASD00011

PESCA

1. Colecionar as plantas com que envenenam a água; provavelmente *várias espécies de timbós*; tirar fotografias.
2. Covos e diferentes modos de pegar peixes, por meio de barragens etc.
3. O anzol é importado pelos brancos? Como era anteriormente? (Osso de morengo; pedacinhos de pau amarrados a modo de gancho, ou reunidos em forma de âncora?)
4. Flechavam-se os peixes após lançar isca à água? Como são as flechas?
5. Outros métodos de pesca.
6. A forma primitiva do arpão, caso seja usado.
7. Enfiam-se os peixes em cordéis especiais?
8. Fazem uso de alguma rede para pescar?

CAÇA

1. Há diferentes tipos de flechas para as várias espécies de caça? Verificar, sobretudo, se usam flechas de ponta rombuda para caçar passarinhos.
2. *Armadilhas*. Fojos. Mundéus. (Mundéus pesados, para matar onças, e outros mais leves, para matar ratos?). Armadilhas de varas elásticas (podem ser tão grandes que sirvam para pegar antes), outros tipos de armadilhas. — Laços. Possivelmente, vários tipos de armadilhas de mola, com laço. Usa-se arapuca? Para que? É elemento originário da cultura tribal?
3. *Magia da caça*. Preccitos observados antes da caça. É permitido, por exemplo, ter relações sexuais? Canções de caça. Os animais de caça têm um demônio como "senhor", a quem é preciso propiciar? Ou até vários? Outras crenças semelhantes! Daí resulta alguma proibição?
4. O caçador come do animal que matou? Se não, a quem se entrega a caça? A presa tem de ser submetida a exorcismo pelo médico-feiticeiro?
5. Guardam-se ossos da presa a título de troféu?
6. Emprego de visgo na caça de aves?
7. Fazem-se caçadas coletivas? Quem são os companheiros? A caçada é realizada por uma associação, um *clã*, uma *metade*?

COLETA

1. As mulheres (sòmente mulheres?) ainda fazem excursões para recolher frutos?
2. Há, na mata, raízes comestíveis, que se desenterram?

LAVOURA

1. Verificar se possuíam plantas úteis desconhecidas entre os civilizados.
2. Relação completa de todos os vegetais originalmente cultivados e das plantas que vieram a conhecer mais tarde.
3. Donde vem o milho? Donde o fumo, a mandioca? Que mitos há sòbre o assunto? Origem das plantas úteis em geral.
4. O primitivo machado de pedra, a sua forma, como era o encabamento; caso haja ainda quem o saiba fazer, pedir demonstração, para verificar se o encabamento era por amarração ou por embutimento.
5. Que utensílios empregavam-se antigamente para fazer o roçado?
6. Quem ajudava a quem no trabalho da roça?
7. Quem planta? Se é a mulher, porquê? Para que as plantas cresçam melhor?
8. Sementes e mudas são submetidas previamente a cerimônias mágicas? Oferecidas, p. ex., ao sol ou à lua?
9. Existe qualquer cerimônia para fomentar o crescimento da planta? Orações dirigidas ao sol ou à lua?
10. A permissão para a colheita deve ser dada formalmente?
11. É permitido à mulher plantar durante a menstruação ou a gravidez? Há outras práticas, restrições ou crenças sòbre o assunto?

CASA, COZINHA, PREPARO DA COMIDA ETC.

1. Investigar se o tipo de construção das casas atuais é o mesmo de outrora. Como eram as construções antigas? (Uma cabana retangular de duas águas é sempre suspeita.)
2. Caso o tipo antigo tenha caído em desuso, indagar se é, contudo, empregado ainda na caça ou na roça.

3. Se ainda está em voga, fazer uma plania: postes, traves, madeiramento de telhado, e indicar se há um espigão como viga mestra. Encontrando-se uma construção sem viga mestra, pode se concluir daí, com certeza, que é do tipo original.

4. Observar se o fogo da cozinha é aceso dentro ou fora da casa. Há um alpendre especial para a cozinha?

5. Onde fazem as suas necessidades. Com que se limpam: um sabugo de milho, um pauzinho? Com qual das mãos? (Por causa da mão com que se come!)

6. Anotar se as mulheres comem em companhia dos homens.

7. Se homens preparam comida, e de que espécie. Em geral os homens só querem assar, não cozinhar).

CERAMICA

1. Há alguma crença relativa à coleta da argila? Quem é o "senhor" da argila?

2. Ingredientes. Como se prepara a argila?

3. Como é feito o fundo da peça? Qual é a base sòbre que se trabalha: uma tábua, uma folha, pano?

4. Os rolos de argila são colocados em forma de espiral ou de anéis?

5. Todos os utensílios usados para remover porções de argila e para alisar. Tintas, matérias primas, pinséis, espátulas e tudo o mais.

6. Fogueira acima do solo, sòbre o chão ou dentro dum buraco?

7. Trazer espécimes ou tirar fotografia de todos os tipos de vasilhas.

FIAÇÃO E TECELAGEM

1. Usam de arco para desfiar o algodão? (Postcolombiano!)

2. Tipos de fusos. Fuso usado em posição horizontal, com uma das pontas entre os dedos do pé.

3. Tintas: relação completa, diferentes fases de preparação.

4. Tecelagem: todos os materiais, utensílios e tipos de trabalhos.

GUERRA

1. Verificar primeiro quais as tribos que conhecem, os nomes que lhes dão, e porquê. Registrar todas as notícias sòbre guerras

havidas com tribos estranhas. *Narração de episódios.* — Houve lutas internas, i. é, entre facções da própria tribo? Porquê? Por causa de feitiçaria?

2. *Costumes de guerra.* Como se lutava, como os guerreiros se preparavam (recursos mágicos, regras que deviam observar; cf. "Caça"), como se fazia o assalto (gritos de guerra?) — Faziam-se fojos e colocavam-se estrepes?

3. Que faziam com o *inimigo morto*? Cortavam-no em pedaços, para evitar talvez que a "sombra" do morto tomasse forma? Medidas tomadas pelo matador após o combate (pintura, jejum, reclusão).

4. *Troféus.* Flautas de osso, colares de dentes, trombetas cranianas, crânios, escalpos?

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

1. *Árvores genealógicas*, de gerações anteriores e da atual. Sendo poucos indivíduos, fazer a árvore genealógica de cada um; sendo muitos, fazê-la de um certo número.

2. A seguir, os *designativos de parentesco*. Sempre reciprocamente; p. ex., como o pai chama o filho e como o filho chama o pai. No caso do pai, anotar sempre duas formas! Como você chama seu pai (provavelmente tratamento de carinho)? Como você chama o pai de outro?

3. Casamento, clã, metades. — Descendência matri ou patrilinear. Os filhos pertencem ao grupo consanguíneo paterno ou ao materno? O homem vai morar na casa dos sogros? A mulher? Ou montam logo casa própria?

4. Comemora-se festivamente a primeira menstruação, i. é, há *cerimônias de iniciação* para as meninas? — E para os rapazes?

5. Sociedades, clubes, associações etc. Administração dessas entidades.

6. Caciques, conselho de anciãos, chefes dos clãs, etc. — Os caciques são ao mesmo tempo médicos-feiticeiros?

FEITICEIROS, MAGIA

1. Todas as histórias de feitiçaria.
2. Magia religiosa e magia profana.
3. Colher informes de *todos* os feiticeiros da aldeia.

4. Se possível, "adoecer" e submeter-se a tratamento durante, pelo menos, dois dias. Antes disso, porém, pedir descrição do processo (cautelosamente, sem aparentar muito interesse!), afim de compreender melhor o verdadeiro tratamento. Esperar até que mostrem muita confiança.

5. Saber se alguma vez mataram algum feiticeiro. Pormenores. Relatos de casos concretos. De que modo a comunidade encara a execução; p. ex., como ato de justiça. Que aconteceu com a alma do morto?

6. Como a gente se torna feiticeiro; fases de aprendizagem; a que circunstâncias o feiticeiro deve a sua carreira.

7. *Causas das doenças.* No corpo penetra uma alma estranha; perda da própria alma (especialmente em crianças).

8. No tratamento dos enfermos o médico-feiticeiro é assistido por *auxiliares sobrenaturais*? Almas de defuntos ou demônios? De que modo se entende com êles. Saber se o demônio principal fala simplesmente com êle ou se entra no corpo do médico-feiticeiro, falando pela boca dêste.

9. Ervas medicinais, remédios. Que doenças ocorrem? — Procurar saber se conheciam primitivamente bebidas alcoólicas.

10. Eclipses solares e lunares. Os dados a êsse respeito são de grande importância.

RELIGIÃO

1. *Ponto de partida:* À noite, olhar para o céu e pedir explicações sobre as manchas da lua. Provavelmente algum mito sobre luta entre irmãos ou incesto.

2. Procurar conhecer *todos os mitos*; só assim se compreenderá bem o sistema religioso. — Mitos de sol e lua. Origem do fogo. (Quem possuiu o fogo antes que os homens o tivessem?) — Boa maneira de abordar a mitologia: pedir que demonstrem o uso do aparelho de fazer fogo.

3. *Crenças sobre as almas.* Possivelmente, o homem tem duas, três, até cinco ou mais almas. — Após a morte, uma alma pode levar uma vida sobrenatural, enquanto *outra* se torna assombração. (Entrar em pormenores!)

4. Pedir explicações a alguém que tenha tido *visões* ou quaisquer manifestações pessoais. — Registrar o maior número possível

de histórias de feiticeiros. — Se acaso alguém já esteve no céu, pedir que descreva o que lá observou.

5. *Reincarnação.* Luto por demais intenso força o morto a reincarnar-se?

6. Relações entre as almas e os deuses ou demônios no Além.

7. Animais celestes? Rio celeste? Região subterrânea, habitada ou não por homens? Vários céus sobrepostos, habitados ou não por seres humanos? Que histórias se contam sobre essas regiões?

8. Há a crença num Ser Supremo? Ou em vários deuses?

MITOS

1. O mais importante é o mito dos *gêmeos*, ou de dois *companheiros*, dos quais um é esperto e ativo, e o outro preguiçoso e estúpido. (Veja-se também 6).

2. A descida do céu. Os homens desceram do céu, ou vieram duma região subterrânea. Possivelmente, u'a mulher grávida ficou presa na passagem, que assim ficou fechada.

3. O motivo da *cadeia de flechas*. Alguém dispara uma flecha para o céu, que aí fica presa; segue-se uma segunda, que acerta na primeira, e assim por diante; dêsse modo se estabelece a ligação entre o céu e a terra.

4. *Dilúvio, incêndio universal* ou outra forma de destruição do mundo.

5. *Origem das plantas cultivadas.* A árvore universal, que traz todos os frutos.

6. (Veja-se também 1.) Motivo freqüente do mito dos gêmeos é o *roubo do anzol*; um dos companheiros é pescado com o anzol, e o outro fá-lo depois ressuscitar; um dos dois fica preso quando rouba o anzol ao demônio que está pescando.

7. Motivo das *simplégadas*, análogo ao mito grego dos dois rochedos que se afastam e se aproximam sucessivamente.

8. Mito das *Amazonas*. Dois mitos: *origem e redescoberta* das Amazonas. Indagar se nalgum lugar moram mulheres sem homens; que sabem a respeito delas?

9. *Perna pontuda* ("Speerbein"). Mito, segundo o qual um homem, por um motivo qualquer, perde a perna; aponta o osso, põe-se a pular com a perna sã, e mata então animais e homens com a ponta do osso. (Motivo especificamente americano, dissemi-

nado pela América do Norte e pela América do Sul. Muitos motivos semelhantes, tratando-se, p. ex., du'a mulher em vez dum homem, etc.)

10. a) *Cabeça rolante.* De noite, um homem ou u'a mulher deixa pender fora da rede a cabeça, que se desprende do corpo, percorrendo tôda a aldeia, e devorando tudo o que encontra, naturalmente sem saciar-se, porque deixa logo cair o que comeu. — Segundo outra versão, a cabeça vai fixar-se sobre o corpo do cônjuge, para comer tôda a comida dele.

b) *O mito da lua*, segundo o qual a cabeça se transforma em lua.

11. *Mito do lobishomem* (dos índios Kamakan), mais ou menos assim: Um homem perde a esposa. Está inconsolável e vai diariamente à sepultura para chorar. Certo dia, vê aí sentada u'a mulher e diz: Que bom que você está aqui, eu pensei que você tivesse morrido. Ela põe a mão diante da boca. O homem coloca a cabeça sobre o colo dela, para que ela o anime. Quando a mulher tira a mão da boca, aparecem as duas presas de onça. E ela morde o marido na nuca e devora-o. Os cunhados indagam do paradeiro do homem e vão à sepultura, onde observam como a mulher devora o marido. Querem matar a mulher; mas os outros lembram que é a irmã deles transformada em onça. Resolvem então deportá-la. À noite, vão à sepultura, persuadindo a mulher a que deixe amarrear-se, e carregam-na para dentro do sertão, à outra margem do rio.

12. *Corrida entre animais.* Análogo a: ouriço e lebre. Por exemplo: carrapato e ema, cágado e veado.

13. "*Schwanenjungfrauen*" (Visita no céu). A uma ave vinda do céu rouba-se a vestimenta de plumas; ela resolve, então, casar-se e volta ao céu em companhia do esposo, etc. Ou então: os urubú-reis descem do céu, alguém lhes rouba a vestimenta, etc.

14. *Odisséia.* De um modo qualquer, alguém perde o caminho, sobe as árvores para junto dos macacos, encontra-se com curiosos demônios, que o querem devorar, etc. — De súbito, e sem saber como, alguém se encontra na outra margem do rio. Eventualmente um jacaré o levou à margem oposta, quis brigar com ele durante a travessia; êle consegue delongar a luta até a outra margem, onde logra escapar.

LEVANTAMENTO LINGÜÍSTICO

1. Determinar as *formas pronominais*. Tomemos como exemplo o verbo *morder*: *eu mordo* (fazer com que o informante se morde), *tu mordes* (demonstrar como a gente se morde), *êle morde* (verificar se na terceira pessoa há uma forma neutra), e assim por diante. A tradução será provavelmente: *eu me mordo, tu te mordes, êlo se morde, etc.*

2. *Possessivo*. P. ex.: *êle chama o seu pai* (o seu próprio), *êle chama o seu pai* (o do outro).

3. Formas correspondentes a: *aquele que morde, o que foi mordido, a mordida etc.* Ou (tratando-se do verbo cortar): *instrumento para cortar, o que corta, o que foi cortado etc.*

4. Lugar, tempo, instrumento e modo da ação exprimem-se freqüentemente com o mesmo termo: *aqui é o lugar de comer, agora é tempo de comer etc.*

5. *O comedor, comedor de cobras, comedor de gente etc.*; *aqui é o lugar em que êle comeu, aqui foi o lugar de comer, aqui será o nesse lugar de comer.*

6. Em geral, há uma só palavra para dizer: *cabelo, folha, escamas de peixe.*

Curt Nimuendajú

HERBERT BALDUS

A 10 de dezembro de 1945 morreu o grande etnólogo. Falceceu na terra de seus queridos índios, como, em 1921, Theodor Koch-Grünberg. No século XX, ninguém contribuiu tanto para o estudo dos aborígenes do Brasil como êstes alemães. E ainda que as doenças adquiridas por êles na Amazônia os colocassem em grande perigo de vida, nenhum dêles arrefeceu no que considerava o seu dever.

Nos últimos anos, Nimuendajú trabalhou entre os Tukuna do rio Solimões. No território dêles foi sepultado.

A 17 de fevereiro de 1941, êle escrevia-me que o clima é "medonho". Numa carta datada de Igarapé da Rita, a 9 de agosto de 1942, ele declara, porém: "De saúde vou bem: estou engordando com esta vida de índio. Com os Tukuna vivo como Deus com os anjos, e com a odiosidade de certos civilizados não me incomodo".

Em 1943, Nimuendajú foi convidado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios para uma expedição em Mato Grosso. Quando êle, para êsse fim, veio antes ao Rio de Janeiro, sofreu uma desilusão sôbre a qual, em 10 de novembro do mesmo ano, relatou o seguinte: "Fazendo os indispensáveis exames gerais, análises, etc., os médicos chegaram à conclusão que o meu estado sanitário era tal que eu devia abandonar de uma vez e para sempre a minha vida de sertão e de convivência com os índios. De fato, impuseram-me uma tal dieta que eu jamais poderia cumprir senão malmente nos grandes centros da civilização. A minha semelhante solução causou uma grande tristeza. O sr. bem sabe como eu amava esta vida e como eu estava identificado com os índios. Parece-me incrível que eu nunca mais hei de ver os campos dos Canellas banhados em sol, nem os igapós sombrios dos Tukuna. Além de que eu pensava ainda de fazer algumas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas". A carta termina melancolicamente: "Eu já estou definitivamente fóra do combate..."

Mas em maio de 1945, Nimuendajú me surpreendeu com as palavras: "Ao que parece, terei de fazer em breve nova viagem aos Tukuna".

Fez essa viagem e foi a última da sua carreira.

No tocante à personalidade de Nimuendajú é significativa a maneira dele responder, em 1939, ao meu pedido de dados autobiográficos e de um retrato. "Quer que lhe mande uma história de minha vida? É muito simples: nasci em Jena, no ano de 1883, não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente, até 1913, São Paulo, e depois Belém do Pará, e todo o resto foi, até hoje, uma série quase ininterrupta de explorações, das quais enumerei, na lista anexa, aquelas de que me lembro. Fotografia minha não tenho". Segundo a mencionada lista, de 1905 a 1939 não passou um único ano sem ter estado entre índios ou feito escavações arqueológicas.

Os seus primeiros trabalhos, insertos na "Zeitschrift für Ethnologie", de 1914 a 1915, são assinados: Curt Nimuendajú-Unkel. Em suas publicações posteriores, o apelido alemão é omitido. O nome índio foi dado à Nimuendajú em 1906, pelos Apapokuva-Guarani, com a complicada cerimônia tradicional. Sob este nome, hoje de fama internacional, o explorador naturalizou-se brasileiro em 1922.

Como resultado do longo convívio com os mencionados Guarani, Nimuendajú publicou uma das suas obras mais importantes, que contem, ao lado de copioso material mitológico, numerosos dados linguísticos, psicológicos e históricos. As suas trinta publicações posteriores consistem, em grande parte, nos vocabulários e nas lendas, que recolheu entre muitas tribos do Brasil setentrional. Os seus estudos sobre a organização social dos índios do grupo Gê, aparecidos desde 1937 nos Estados Unidos, inauguravam nova fase da Etnologia Brasileira. Os inéditos deixados por ele representam um tesouro inestimável.

Com coleções etnográficas e achados arqueológicos, Nimuendajú enriqueceu os Museus do Brasil, da Alemanha e da Suécia. Também como cartógrafo realizou trabalhos magistrais.

O dominicano Frei Pedro Secundy contou-me que, quando em 1940 desceu o Araguaia numa lancha na qual viajava também Nimuendajú, este ficou o dia inteiro absorvido, de modo a provocar comentários dos outros passageiros que diziam: "Que homem exquísito!" Só depois do escurecer, é que ele consentiu em conversar. E toda vez que a lancha parava para os passageiros pernovernarem em terra e preparar na praia o acampamento coletivo, Nimuendajú informava-se da hora da partida, afastando-se para dormir só-

zinho e só reaparecer no dia seguinte pontualmente e com a barba feita. Várias vezes o bom do padre mencionou este último pormenor, pois fazer a barba diariamente não é comum em viagens pelos sertões. Mas tal asseio emanava de toda a personalidade de Nimuendajú, não só dos mapas desenhados por ele, da sua caligrafia e da sua maneira cuidadosa de empacotar os impressos que me enviava, mas também da sua escrupulosidade como cientista e da sua incorruptibilidade como propugnador dos mais altos ideais de justiça e caridade.

Durante toda a sua vida, este homem íntegro lutou em defesa dos índios contra os representantes da nossa civilização que a poder das armas mais perfeitas invadem o sertão. Assim, conquistou o amor dos perseguidos, tornando-se um deles, e como eles veio a sofrer o ódio dos colonizadores para os quais "índio não é gente".

Mas não foram só os selvícolas pacíficos, desarmados e humilhados, que Nimuendajú defendeu contra as violências dos vencedores. Arrostando perigos e fadigas, entrou em contacto com uma das tribos mais respeitadas, para acabar de vez com as matanças recíprocas entre os seus valentes guerreiros e os vizinhos brancos. Foi o caso da pacificação dos Parintintin do rio Madeira, por ele empreendida e realizada em 1922, notável façanha de que alguns pormenores merecem ser lembrados.

Estabeleceram-se postos de brindes nos lugares em que havia indícios evidentes de frequente passagem desta temida tribo lupi. Eram abrigos cobertos de folhas de zinco, que defendiam da chuva as missangas, roupas, facões, machados e outros utensílios. Depois de alguns dias, esses objetos desapareceram, achando-se em lugar deles flechas fincadas no chão. Os índios tinham aceito os presentes, mas sua resposta significava que não confiavam no doador. Este, por sua vez, repetia sem cessar as ofertas. Os Parintintin acusavam a recepção, armando estrepes com pontas de flecha.

Não se contentaram, com essa demonstração hostil, passando a atacar os forasteiros. Encontraram, porém, Nimuendajú prevenido. Construíra, com folhas de zinco, um sólido barracão que o abrigava e a seus camaradas. Era uma casa forte, num ponto estratégico, que oferecia larga vista ao redor e facilitara a defesa. Os índios deram gritos de guerra e atiraram flechas. Não houve reação hostil. Então, com nova gritaria, afastaram-se.

Depois de outro ataque semelhante, Nimuendajú os seguiu, procurando atraí-los com palavras da língua-geral amazônica, ditas brandamente, oferecendo-lhes machados e facões que tinha nas mãos levantadas. Não obteve êxito. Os índios sumiram.

Mais atrevido foi o terceiro ataque. Logo depois de desfechadas as setas contra o barracão, os agressores forçaram a porteira da cerca de arame farpado que circundava a casa. Nimuendajú mandou disparar as armas de fogo para o ar. A maioria dos índios saiu correndo. Alguns, porém, recuaram somente até o lado de fora da cerca, aí permanecendo a descoberto. Nimuendajú com palavras amáveis, aproximou-se da porteira e, não sendo atendido, colocou uma bacia com diversos presentes e retirou-se.

Os índios apoderaram-se da bacia. Outros Parintintin, que estavam separados de Nimuendajú pelo rio limítrofe do estabelecimento (o rio Maici-mirim), começaram a pedir presentes. O pacificador mandou lançar sobre a água uma bacia cheia de coisas boas. Dois índios tentaram alcançá-la a nado, enquanto um de seus companheiros atirava uma flecha que quase atingiu o seu alvo.

Apesar desse comportamento traiçoeiro, Nimuendajú ofereceu uma terceira bacia, e o Parintintin mais valoroso atravessou o rio, apanhou o presente e voltou para os seus.

Assim desenvolveu-se, pouco a pouco, a aproximação mútua. Quando Nimuendajú falou em guarani foi melhor entendido, pois esse idioma se assemelha mais do que a língua-geral ao parintintin.

Um índio, então, mostrou-lhe, com gestos muito expressivos, que estava com a barriga vazia. O branco mandou buscar farinha de mandioca, comeu primeiro um pouco à vista do faminto, convidando-o a servir-se. Dessa feita, Nimuendajú conseguiu entregar a dádiva diretamente em mãos, concluindo, assim, o primeiro capítulo da pacificação.

Os capítulos seguintes, porém, foram menos satisfatórios. É verdade que não houve mais derramamento de sangue. Mas as relações cada vez mais estreitas com os chamados "civilizados" desorganizaram a cultura da tribo, assim como, pela introdução de doenças e outros fatores destrutivos, acabaram com os seus componentes. Não muitos anos depois, Nimuendajú deplorou o seu próprio ato heróico, compreendendo que os índios mais felizes,

são os que se conservem independentes pelo valor guerreiro e pela inimizade intransigente contra qualquer usurpador de suas terras. Esta dolorosa compreensão não o impediu, porém, de elaborar projetos para pacificar outras tribos quando o poder da expansão dos brancos parecia irresistível e mortífero. Alude na sua última carta, que me escreveu no dia 6 de dezembro de 1915, portanto pouco antes de seu falecimento, a um plano de pacificação dos Parakauá, que às vezes surgiam na Estrada de Ferro do Tocantins, dirigida pela Fundação Brasil Central. Até a hora final o dominava um sentimento apaixonado em prol dessa espécie de vítimas do nosso chamado "progresso" e contra as barbaridades cometidas em seu nome. Durante a vida inteira, esse sentimento lhe tinha dado, repetidamente, amarguras, mas também uma profunda felicidade e a força para se tornar o maior indianista de todos os tempos.

BIBLIOGRAFIA DE CURT NIMUENDAJÚ-UNKEL *

1. *Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apocáwa-Guarani.* — Zeitschrift für Ethnologie. 46. Berlin. 1914. pp. 284-403.
2. *Vocabulários da Língua Geral do Brasil nos dialectos dos Manajé do Rio Ararandéua, Tembê do Rio Acará Pequeno, e Turiwára do Rio Acará Grande.* — Zeitschrift für Ethnologie. 46. Berlin. 1914. pp. 615-618.
3. *Vokabular der Parint-Sprache.* — Zeitschrift für Ethnologie. 46. Berlin. 1914. pp. 619-625.
4. *Vokabular und Sagen der Crengêz-Indianer.* — Zeitschrift für Ethnologie. 46. Berlin. 1914. pp. 626-636.
5. *Vokabulare der Timbiras von Maranhão und Pará.* — Zeitschrift für Ethnologie. 47. Berlin. 1915. pp. 302-305.
6. *Sagen der Tembê-Indianer.* — Zeitschrift für Ethnologie. 47. Berlin. 1915. pp. 281-301.
7. *Bruchstücke aus Religion und Uebertlieferung der Sipáia-Indianer.* — Anthropos. XIV-XV, 1919-1920, pp. 1002-1039. XVI-XVII, 1921-1922, pp. 367-406. S. Gabriel-Mödling b./ Wien.
8. *Zur Sprache der Sipáia-Indianer.* — Anthropos. XVIII-XIX, 1923-1924. S. Gabriel-Mödling b./ Wien. pp. 836-857.
9. *C. N. e E. H. do Valle Bentes. Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazonie.* — Journal de la Société des Américanistes de Paris, N. S., XV. Paris. 1923, pp. 215-222.
10. *Os índios Parintintin do Alto Madeira.* — Journal de la Société des Américanistes de Paris. N. S. XVI, Paris. 1924, pp. 201-278.

(*) Infelizmente não foi possível representar tipograficamente o sinal eslavico nos nomes próprios Sipáia e Serente, cuja pronúncia é Chípáia e Chérente.

11. *As tribus do Alto Madeira*. — Journal de la Société des Américanistes de Paris. XVII. 1925, pp. 137-172.
12. *Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn*. — Göteborgs Kungl. Vetenskaps- och Vitterhets-Samhälles Handlingar. XXXI. Göteborg. 1926. 144 pp.
13. *Streifzug vom Rio Jary zum Maracá*. — Petermanns Geographische Mitteilungen. Gotha. 1927, Heft 11/12, pp. 356-358 und 1 Karte.
14. *Wortliste der Sipáia-Sprache*. — Anthropos. XXIV. S. Gabriel-Mödling b./Wien. 1929. pp. 821-850, 863-896.
15. *Streifzüge in Amazonien*. — Ethnologischer Anzeiger. II. Stuttgart 1929, pp. 90-97.
16. *Lingua Serénte*. — Journal de la Société des Américanistes de Paris. N. S., XXI. Paris. 1929. pp. 127-130.
17. *Zur Sprache de Maué-Indianer*. — Journal de la Société des Américanistes de Paris. N.S. XXI. Paris. 1929, pp. 131-140.
18. *Zur Sprache der Kurúya-Indianer*. — Journal de la Société des Américanistes de Paris. N.S. XXII. 1930, pp. 317-345.
19. *Besuch bei den Tukuna-Indianern*. — Ethnologischer Anzeiger. II, Heft 4. Stuttgart, 1930, pp. (188)-(194).
20. *Wortlisten aus Amazonien*. — Journal de la Société des Américanistes de Paris. N.S. XXIV. Paris. 1932, pp. 93-119.
21. *A propos des Indiens Kukura du Rio Verde (Brésil)*. — Journal de la Société des Américanistes, de Paris. N. S. XXIV. Paris. 1932, pp. 187-189.
22. *Idiomas Indígenas del Brazil*. — Revista del Instituto de Etnología II. Tucumán. 1932, pp. 543-618.
23. C. N. and Robert H. Lowie: *The Dual Organization of the Ramkókamekra (Canella) of Northern Brazil*. — American Anthropologist. Vol. 39. 1937. pp. 565-582.
24. *The Gamella Indians*. — Primitive Man. X. 1937. 44 pp.
25. *Die Verwandtschaft des Mundurakuischen mit dem Tupiischen*. — Santo Antonio. Provinzzeitchrift der Franziskaner in Nordbrasilien. 15. Jahrgang. N. 2. Bahia. 1937, pp. 76-80.
26. *The Social Structure of the Ramkókamekra (Canella)*. — American Anthropologist, Vol. 40. 1938, pp. 51-74.
27. C. N. and Robert H. Lowie: *The Associations of the Serénte*. — American Anthropologist. Vol. 41. 1939, pp. 408-415.
28. *The Apinayé* (Translated by Robert H. Lowie). — The Catholic University of America. Anthropological Series No. 8. Washington, 1939. VI. 189 pp.
29. *The Serénte*. (Transl. by Robert H. Lowie). — Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund IV, Southwest Museum, Los Angeles. 1942. IX e 106 pp.
30. *Serénte Tales*. (Transl. by Robert H. Lowie). — Journal of American Folklore, Vol. 57, No. 225, Menasha, Wis., 1944, pp. 181-187.

31. *Brinquedos dos nossos índios, Os ladrões de jurumum*. — Revista do Museu Nacional, Ano I, No. 3, Rio de Janeiro, 1945, pp. 10-11.
32. *Sugestões para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil*. — Sociologia, Vol. VIII, No. 1, São Paulo, 1946.

Inéditos

O nosso prezado colega, Sr. Eduardo Galvão, etnólogo do Museu Nacional, teve a bondade de nos informar da existência dos seguintes trabalhos inéditos de Curt Nimuendajú:

- 1) Das Ende des Otí-Stammes. MS. 1911.
- 2) Reise nach dem Içana und Uaupés. MS. 1927.
- 3) Die Tapajó. MS. 1938.
- 4) Die Ramkókamekra. MS. 1939. (A ser publicado no corrente ano pelo Museu Nacional).
- 5) Die Maschakari. MS. 1939.
- 6) Ueber die Botocudos. MS. 1939.
- 7) Sprachproben und grammatikalisches Material von 57 südamerikanischen Sprachen. MS.
- 8) Os Tukuna. MS.

Explorações de Curt Nimuendajú (*)

1905-08:	Oeste de São Paulo	Guarani, Kaingang.
1909 :	Oeste de S. Paulo, Sul de Mato-Grosso (Museu Paulista)	Guarani, Kaingang. Opayé, Otí, Tereno.
1910 :	Oeste de S. Paulo (Serviço de Proteção aos Índios)	Guarani, Kaingang.
1911 :	Oeste e litoral de S. Paulo (S. P. I.)	Guarani, Kaingang.
1912 :	Oeste e litoral de S. Paulo (S. P. I.)	Guarani, Kaingang. Kaiguá.
1912 :	Tibagi, Ivai (S. P. I.)	Kaingang.
1913 :	Sul de Mato-Grosso (S. P. I.)	Opayé, Guarani. Kaiguá.
1914-15:	Gurupi (S. P. I.)	Tembé, Timbira, Urubú.
1915 :	Parú, Jarí, Maracá	Aparai.
1915-16:	Missão S. Antonio do Prata	Tembé.
1916-19:	Xingú, Iriri, Curuá	Yuruna, Chipaya, Arara, Kayapó.
1920 :	Litoral do Pará.	
1921 :	Oyapock.	
1921-23:	Madeira (S. P. I.)	Parintatin, Mura, Piraká, Tora, Manawí.

1922	: Marajó (Göteborgs Museum)	Excavações.
1923	: Tapajóz, Mariaçuã (Göteborgs Museum) .. Guayana, Marajó, Caviana (Göteborgs Museum)	Maué, excavações. Excavações.
1924-25:	Tapajóz, Trombetas, Jamundá, Caviana (Götb. Mus.)	Excavações.
1925	: Oyapock (Göteborgs Museum)	Palikur, índios do Uaçá, excavações.
1926	: Afluentes do Amazonas, Madeira, Au- taz (Göteborgs Museum)	Mura, Mundurukú, excavações.
	Tocatins (Götb. Mus.)	Excavações.
1927	: Rio Negro, Içana, Uaupés (Götb. Mus.) ..	Baniwa, Wanana, Tariana, Tukano, Makú, etc.
1928	: Tapajóz	Excavações.
1928-29:	Maranhão, Goiaz (Mus. Hamburg, Dresden, Leipzig)	Apinayé, Canella, Krikatí, Krepúm- katéyé, Pukóbye, Guajajara.
1929	: Solimões	Tukuna.
1930	: Tocantins, Maranhão (Mus. Dresden, Leipzig)	Apinayé, Cherente, Krahó, Canella.
1931	: Tocantins, Maranhão	Apinayé, Canella.
1932	: Tocantins	Apinayé.
	Tapajóz, Manaus.	
1933	: Maranhão (Carnegie Inst.)	Canella.
1934	: Pernambuco (Carnegie Inst.)	Fulnió, Chukurú.
1935	: Maranhão (Univ. California)	Canella.
1936	: Maranhão (Univ. California)	Gameña, Canella.
1937	: Tocantins (Univ. California)	Apinayé, Cherente.
1938-39:	Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo (Univ. California)	Patachó, Kamaká, Machakari, Botocudos.
1940	: Xingú, Araguaia	Górotire, Kayapó do Arraias.
1941-42:	Solimões (Mus. Paraense)	Tukuna.
1945	: Solimões (Mus. Nacional de Rio de Janeiro)	Tukuna.

(*) Onde não há indicação entre parênteses, viagem e trabalhos foram custeados pelo próprio pesquisador.

"O Parentesco tupi-guarani" *

J. PHILIPSON

Assistente da Cadeira de Etnografia e Língua tupi-guarani da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

E' este o título de um trabalho, que acaba de chegar às nossas mãos, da lavra dos Snrs. Charles Wagley e Eduardo Galvão¹. Dando-se a feliz circunstância de ter o autor destas linhas publicado poucas semanas antes uma "nota"² sobre o mesmo assunto, temos agora oportunidade de ver em que pontos estes dois estudos se completam, em que divergem, e quais as objeções e adendas que nos ocorrem. Este breve exame ainda se torna mais desejável pela coincidência de que ambos os trabalhos se baseiam parcialmente nos termos de parentesco dos Tapirapé, até agora desconhecidos. No do Museu Nacional publicou-se a terminologia que foi colhida por um dos autores (Charles Wagley) em 1939/40; no da Universidade de São Paulo faz-se referência à que foi colhida por Herbert Baldus em 1935, e que estava à disposição do autor em forma de manuscrito.

Comparando-se as duas listas de designativos tapirapé, observa-se logo que elas na maior parte são idênticas, fato de grande importância, pois demonstra a honestidade de ambas as pesquisas de campo. Das divergências, inevitáveis no entanto em tais trabalhos, desejamos por ora assinalar as seguintes:

	WAGLEY	BALDUS		
1)	<i>Che-vi</i>	<i>Chehy</i>	mãe	(h. e m. fal.)
2)	<i>Che-ropy</i>	<i>Cherovuyrangí</i>	irmão do pai	(m. fal.)
3)	<i>Che-chotyrangí</i>	<i>Chéituygra</i>	irmão da mãe	(h. fal.)
4)	<i>Che-yura</i>	<i>Cheyrangí</i>	irmã da mãe	(h. e m. fal.)
5)	<i>Che-rikawianá</i>	<i>Cheygra</i>	(filho da irmã)	(h. fal.)
6)	<i>Che-peuma</i>	<i>Cheranchai</i>	sogra	(m. fal.)

as quais procuraremos comentar em seguida:

(*) Trabalho apresentado no Seminário de Etnologia Brasileira da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

(1) Charles Wagley — Eduardo Galvão: O Parentesco Tupi-guarani (Boletim do Museu Nacional, nova série, Antropologia n.º 6, Rio de Janeiro 1946).

(2) J. Philipson: Nota sobre a Interpretação Sociológica de alguns Designativos de Parentesco do Tupi-guarani (Boletim LVI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, n.º 9 de Etnografia e Língua Tupi-guarani; S. Paulo 1946).